

## Memorare

O livro que agora sai com o nome de Obra da Rua, é um relatório do que se tem feito desde o ano da graça de mil novecentos e trinta e dois e do que se deseja fazer pelos anos fora, a bem dos que trabalham e sofrem.

Não se trata, evidentemente, daqueles relatórios hirtos e secos, feitos de algarismos, onde os altos funcionários dão conta do que fizeram. Não, que a Obra da Rua não tem funcionários nem presta contas a ninguém.

Os discípulos de Jesus costumavam relatar ao Mestre tudo quanto tinham feito, no regresso das lides apostólicas. Vinham de cumprir ordens, fazer a vontade do seu Senhor, tudo lhes corria bem. Queriam falar todos ao mesmo tempo, alvoroçados; dizer o espanto dos seus êxitos; dar largas ao coração.

«Até os elementos nos obedecem, Senhor!», exclamavam.

«Sim, alegrai-vos; não por amor dos sucessos, mas sim por terdes o vosso nome escrito no Céu», dizia o Mestre.

Ora é precisamente neste mesmo espírito que eu venho contar ao mundo como os montes marcham e os elementos obedecem: «Fareis prodígios maiores do que Eu, se tiverdes fé em Mim».

Trata-se do relatório de uma vida inteiramente devotada ao Pequenito de palhas infelizes, herdeiro forçado da miséria social com suas muitas e variadas constelações.

É a voz de um coração que vive e que sente a vida e a sorte das chusmas infantis, a vender jornais nas ruas, a tirar lixo das latas, a guiar cegos nas feiras, a ir pela sopa aos quartéis; e, sobretudo, os dados à moínice, viciados, pervertidos pela família e pela sociedade, a chupar pontas de cigarros — o prólogo dos

grandes crimes. Eles, património da Nação, os predilectos de Jesus, que se morressem naquela idade iriam vestidos de branco com sinos a repicar.

É a gratidão estuante de quem se não cansa de dizer bem dos Homens-bons do País aonde tem chegado a fama e o nome da Obra da Rua, suscitando donativos generosos.

É, finalmente, uma esperança fundada de que todos me hão-de auxiliar a fazer mais e melhor quando este relatório for publicado e conhecido.

Não peço dignidades à Igreja nem comendas ao Estado nem ao Mundo opinião; maldito seja quem procura agradar. Não peço, que a promessa divina me basta: «Ego ero merces tua nimis».

*Padre Américo*

## Notas do tempo

### A Obra da Rua aparece em 1940 com um compromisso novo que torna o seu rosto mais visível

EM remessa de livros trazidos por um visitante vinha um exemplar do *Obra da Rua* — 1.ª edição que eu suponho já não possuímos. Vou guardá-lo com todo o cuidado, pois seria bom que no museu em preparação para as recordações de Pai Américo figurassem as primeiras edições dos seus livros, ao menos as dos publicados em sua vida, especialmente este e os dois volumes do *Pão dos Pobres*, que nos remetem aos princípios da Obra da Rua, conforme escreve o Fundador dela no *Memorare* — frontispício do livro com este mesmo nome — o qual, de programa tão belo e tão rico de doutrina, não resistimos a rememorar na íntegra, destacando-o neste número de O GAIATO que celebra os 56 anos da institucionalização da Obra da Rua na primeira Casa do Gaiato.

Os oito anos anteriores são tempo de «saudade» e a Escola de vida onde Pai Américo aprendeu e exercitou «o bem que desejava fazer pelos anos fora em favor dos que trabalham e sofrem». É a Obra da Rua, nascida em 1932, a crescer e a aparecer em 1940 com um compromisso novo que lhe tornava o rosto mais visível.

«Era tão feliz naquele tempo! Davam-me aqui e eu ia deixá-lo acolá. Em que eu me meti!» — Desabafos de saudade em dias em que o compromisso novo e constantemente renovado pesava mais.

A infância é quase sempre tempo despreocupado e feliz. Quem a não recorda com saudade?! Também a infância das Obras!

### O nosso Jornal

NA vida do nosso Jornal registamos também o aniversário de um acontecimento que ainda hoje nos faz estremecer: a quase completa destruição do nosso sistema informático. Por pouco não perdemos toda a informação sobre os assinantes, o que teria sido a desgraça total.

Por esta razão amargo foi o Natal do ano passado.

Apesar de nas grandes Festas, talvez pela nossa sensibilidade de meninos-grandes a desejarem tudo e só agradável, sempre haver um ossito a roer, pelo Natal que passou temos graças a dar. A presença de imensidão de Amigos com suas mensagens carinhosas e uma partilha generosa.

À consoada tivemos a companhia de um casal a quem a morte de um filho desmotivou para a ceia em sua casa. Em anos passados, têm viajado para longe. Este ano optaram por esta viagem bem curta mas a que quiseram dar significado.

Ainda resisti à sua proposta *assustando* com a desordem e o ruído do nosso refeitório a quem está habituado a sossego e a requinte. Eles teimaram e vieram mesmo. Consolou-nos a simplicidade com que partilharam da mesa e a alegria visível de que éramos testemunhas, corroborada pela despedida com um «para o ano, se calhar, cá estaremos outra vez».

Padre Carlos



A primeira Casa do Gaiato em Miranda do Corvo

## TRIBUNA DE COIMBRA

### 56 ANOS

7 de Janeiro de 1940. Já lá vão 56 anos em que pela primeira vez esta Casa do Gaiato abriu as suas portas aos três primeiros pequeninos acolhidos nas ruas da Baixa coimbrã, pelo Padre Américo: «Acabavam-se as horas amargas de não poder remediar o garoto abandonado... Tinha uma casa para eles». Assim se exprimia, então, o Fundador. Palavras saídas de um coração ferido pelo aspecto social das misérias alheias, mormente as ligadas ao garoto da rua.

Os tempos mudaram e há grandes distâncias, felizmente. O modo de compreender o homem, a proximidade acutilante aos seus problemas, o respeito, a dignidade e a humildade, valores. A complexidade do homem e os seus

problemas afligem e inquietam. Mas na prática constata-se que há novas fomes, novos abandonos e estas e estes de contornos bem mais difíceis de detectar. Nem os apregoados «milagres económicos» sustentados por uns, ou os progressismos humanistas defendidos por outros conduziram ao tal paraíso sonhado, como todos verificamos.

Diante da fragilidade do homem, da sua grandeza e complexidade, continuam insuficientes todas as abordagens e as mais ousadas devem ser humildes.

Abre-se então o verdadeiro horizonte — o do coração e do compromisso.

Ao sonhar com «uma casa para eles...», associando ao sonho o seu próprio empenho e compromisso, o Padre Américo contorna eficazmente o impossível, vencendo a desilusão dos braços cruzados e o vazio das teorias.

Continua na página 3



# ENCONTROS em Lisboa

## As crianças

DEPOIS do Natal, em que o nosso olhar e o nosso coração se centram no Deus-Menino, começamos o Novo Ano com o nosso coração cheio de meninos e meninas de todo o mundo. O Santo Padre convida a «darmos às crianças um futuro de paz». É tarefa de todos em qualquer lugar onde nos encontrarmos. Quem tem a experiência de uma Casa do Gaiato, não só devido aos que se encontram dentro, mas também pelo conhecimento que tem de tantos que se encontram fora e para quem foi feito o pedido de entrada e não encontraram lugar, fica-se com uma enorme dor por tudo o que ainda há a fazer no nosso meio. Porém, quando alargamos o nosso olhar ao mundo em que vivemos e que se tornou nosso próximo, a

dor aumenta. São multidões de milhões de crianças a crescer para a vida em ambientes que lhe são adversos.

A semana passada, estava a chamar a atenção a um miúdo que tem actualmente 16 anos para o facto de ele ser bastante violento para os mais pequenos. A única explicação que encontrou foi dizer: «Quando eu era pequeno, em minha casa, também me faziam assim e eu não morri». Que fazer para contrariar esta lógica? É a reprodução mais imediata de comportamentos não reflectidos que deixam uma imagem perigosa das atitudes a ter com uma criança.

Hoje, nos nossos meios, começa a existir alguma sensibilidade para o ambiente em que se desenvolve uma criança. Em certas ocasiões somos mais sensíveis aos bens em falta, mas descuramos a educação para o ambiente das relações humanas. Também é

verdade que nos nossos meios não faltam normalmente as coisas, nem a alimentação. Falta o carinho, o estar por perto, a palavra de compreensão, o ter tempo... Muitas crianças que nos chegam trazem profundas marcas de serem tratadas como meros objectos dos adultos, coisas que se encostam para o lado, sem grandes preocupações ou consideração por elas.

### ...e os grandes deste Mundo

A níveis mais elevados, vemos grandes reuniões dos grandes deste mundo onde, no meio de todo o aparato das grandes salas, decoradas a preceito, se tomam as grandes decisões para os nossos dias. Fico sempre com a sensação de falta de humanidade nestes locais. Os grandes vão para ali degladiarem-se com os grandes interesses. Jogam

com conceitos e cifrões. Decidem a guerra e a paz. Nem sempre vêem, nas crianças, as consequências das suas decisões. Acalento o sonho de um dia ver, naqueles corredores e salões, crianças a chilrear, com seus olhares de esperança e de vida. Seria interessante que os grandes deste mundo tivessem que tomar decisões com uma criança ao colo e intimamente convencidos de que as decisões afectariam aquelas e outras crianças que ali se sentiriam representadas. Estou convicto que muita humanidade sairia dessas reuniões e o nosso mundo seria orientado por critérios que teriam em vista mais vida e melhor vida.

«Demos às crianças um futuro de paz.» Coloquemos as crianças como o objectivo da nossa vida e do nosso trabalho e a paz reinará, a nossa vida será mais humana.

Padre Manuel Cristóvão

## TRIBUNA DE COIMBRA

Continuação da página 1

«Dar a mão» era uma expressão que ele muito frisava e que bem expressa a melhor forma de defender os mais indefesos e acolher os mais fracos. Passados 56 anos procuramos que esta Casa do Gaiato continue, com a ajuda de tantos Amigos, a cumprir com humildade e realismo humano esta missão: Dar a mão.

Padre João

## BENGUELA

**DIA DE NATAL** — Estamos contentes com o nascimento do Deus-Menino, que vem todos os dias para nos acompanhar e salvar.

Neste espírito, um grupo de rapazes mostrou-se interessado em fazer uma preparação mais profunda: um pequeno Retiro. Sinal de que afinal estão a querer fazer uma caminhada diferente.

Fomos um grupo de treze para uma pequena praia, longe da confusão do dia-a-dia. Um local tranquilo. Tentámos aprofundar a existência de Cristo como Deus-Vivo e exemplo para as nossas vidas. Tentámos reconhecer-nos primeiro, para podermos reconhecer-IO, aceitá-IO e acreditar n'Ele.

Foi bom. O grupo voltou satisfeito e mais enriquecido para vivermos o Natal.

**FESTA NATALÍCIA** — Foi preparada nestas últimas semanas, nos momentos livres, principalmente à noite. Não esquecendo o ensaio diário, na hora do Terço, dos bonitos cantos de Natal. Não somos artistas. Tentámos transmitir uma mensagem saudável e verdadeira. Muitos nunca tiveram um Natal assim. Alguns nem sequer sabiam o seu significado.

Depois da ceia, mais recheada do que o costume, já com um bonito ar de festa e alegria, demos início ao espectáculo: Auto de Natal, teatro, poesias e jograis marcaram os momentos fortes, sempre acompanhados dos bonitos cantos da quadra que vivemos.

Depois, participámos na Missa do Galo na Capela do mosteiro das monjas, aqui mesmo em frente.

Chegou o momento ansiado: distribuição de prendas. Mesmo do pouco que temos, chegou para todos. Era ver a alegria irradiada no rosto deles, principalmente dos mais pequenos!

Carlos Roda

## Natal

DE muitos modos se fala dele por aqui. Os estrangeiros ligam-no a férias; os nacionais a dias de praia; a maioria pensa só em alguma coisa mais para comer e beber.

As calamidades que ao longo dos séculos se abateram sobre o povo hebreu e o fizeram desejar um Messias que o conduzisse à vitória sobre os inimigos, e o alheou de todas as vozes proféticas, também caíram, em pouco tempo e doutro modo, sobre este povo que só pensa, por todos os meios e em todos os graus, sobreviver.

Sem referências cristãs claras, manteve-se a ideia base de festa da família. Mas, se escasseiam remédios para outras enfermidades, mesmo havendo Graça para a família, só pela proclamação da Palavra da Vida, o remédio se torna eficaz.

Em nossa Casa há todas as razões para apontar o caminho, não como a estrela, mas como João Batista: «Endireitai os vossos caminhos» para o Senhor. É tempo de falar mais alto..., se não fosse sempre.

### O descalabro do maior valor cultural deste povo: o sentido da família alargada

Mas aflige-nos o Natal para os outros, que vivem à volta de nós: os nossos operários, mais de cem; as nossas crianças da Massaca, a passar de trezentas; e a comunidade cristã nascente a que estamos unidos. Para estes, muito mais

# MOÇAMBIQUE

que dizer, é preciso fazer. Só com gestos significativos abriremos o caminho para o Senhor que há-de também nascer um dia em seus corações.

Lembro a renúncia quarismal que nos mandou a Igreja de Beja. Está a concretizar-se no arrumar, o mais dignamente possível, as instalações que deixámos na Massaca. O que estava fragmentado e em formação por vários locais, vai ter um espaço organizado, ao serviço deste povo, com a ajuda fraterna da Igreja Pobre de Beja, a esta ainda mais pobre. Numa atmosfera cristã de entreatura, recordo Pai Américo a dizer: «Como a família é verdade!» Sinto em mim tanto essa comunhão de família cristã como lamento o descalabro do maior valor cultural deste povo: o sentido da família alargada.

Casa-mãe em Maputo



### É fácil e cómodo atribuir à guerra e ao colonialismo todas as desgraças d'hoje

Há meses foi jogado ao lado da estrada de asfalto que passa na Massaca um menino acabado de nascer. Trazido pelas senhoras da aldeia que o encontraram, tudo fizemos para o salvar. Morreu e com ele um pouco do nosso coração pelos recém-nascidos. Não é por eles. É por este povo que muitas vezes nos põe em dúvida o préstimo da nossa presença. Tudo fazemos para que compreendam o espírito do nosso trabalho. Mas mesmo esgotando a paciência, quando pensamos que compreenderam, sabemos que não aceitam. Nessa linha de acção e reacção até os nossos professores

nos surpreendem e temos de afastá-los.

É fácil e cómodo atribuir à guerra e ao colonialismo todas as desgraças de hoje. Difícil é mudar. E Natal é mudança e conversão.

A todos os que acompanham de longe ou de perto o nosso viver aqui, que acolham o Senhor em seus corações.

Padre José Maria

## PENSAMENTO

E aquela pequena moeda de prata, que alguém na *Baixa* me deixou cair nas mãos, resposta misteriosa a idêntica moeda que naquele mesmo instante eu deixara cair nas mãos de outrem!

PAI AMÉRICO



Entrega duma nova casa do Património dos Pobres em ambiente de festa

## Património dos Pobres

### Uma entrega

A entrega desta nova casa foi em ambiente de festa. Muitos vizinhos, os vicentinos, o pároco, o Bispo da Diocese. Foi uma cerimónia religiosa e muito familiar. O senhor Bispo benzeu a moradia e disse umas palavras de estímulo e terminou com a oração familiar, o «*Pai Nosso*» rezado por todos.

Foi uma situação dolorosa que chamou a atenção da Conferência Vicentina e a nossa:

Uma mãe com cinco filhos menores, abandonada pelo marido, que tem outra mulher com filhos, a viver em casa da sogra, numa casa muito pequenina. O filho mais velho começou a ser atingido por doença grave. Na hora de receber a casa teve de ir com ele ao médico. Na cerimónia toda ela era de lágrimas. Procurávamos animá-la. E prometemos ajudá-la. Uma réstea de sol veio também animar o ambiente.

### Muitas lágrimas

Celebrávamos os dias de Festa do Natal. Apareceu em nossa Casa debulhada em lágrimas, aflita do coração. Veio de longe, à procura de ajuda com esperança.

Ficou viúva, há um ano. Tem dois filhos na escola. O marido era pedreiro e, aos poucos, foi construindo o prédio. Os pais deram o terreno e contrairam um empréstimo para a compra dos materiais. Com uma doença nos pulmões, só viveu oito meses. A mulher e mãe fica nesta situação.

Ouvimo-la com muito respeito e procurámos animá-la. Prometemos uma visita para nos certificarmos.

Fomos, após alguns dias. Andámos muitos quilómetros por estrada esburacada. É uma encosta longa. Calçada estreita conduz-nos até à beira. Em cima de uma rocha avistamos a casa. Pareceu-nos bem concebida e uma escada em cimento leva-nos à porta.

Estava nas limpezas. Divisões airozas, quase acabadas. Recheio muito pobre. Quartos e sala sem portas.

Conta que paga juros de doze e nove por cento. Só tem uma pensão mensal de dezasseis contos, o abono dos filhos, e trabalha três dias por semana em casa de patroas onde já prestou serviço em solteira.

O edifício por fora está por acabar. O telhado para arrematar. A licença para as obras, a terminar.

— *Vejam a minha triste situação!*

O seu aspecto esquelético e as lágrimas penetraram no nosso coração. No seu calvário a família tem ajudado a levar a cruz. E a família somos todos nós, sobretudo os que se dizem cristãos. Se todos tivéssemos consciência disto, as situações de aflição seriam menos e mais suaves para todos os irmãos atribulados.

Padre Horácio

## VISITA A UM MUNDO NOVO

### Instituto João Paulo II em Fátima

FUI um dia de muita chuva e frio. O guarda-chuva ajudou-nos a caminhar. Chegámos. E, como sempre, encontramos a porta franqueada. Dissemos ao que íamos.

Veio uma Irmã brasileira, ali em serviço generoso, para nos acompanhar. Começámos pela capela onde encontramos a imagem de Cristo Crucificado, desenho de quem ali esteve por doação. É bem o sinal daquela instituição.

Dali seguimos para o primeiro dos longos corredores. Cada um dá acesso a vários pavilhões e cada pavilhão é ocupado por cerca de dez doentes que procuram ser a família da casa. Muitos pavilhões de jovens, de adolescentes, de crianças. Estão ali cento e oitenta doentes.

O ambiente é acolhedor. Carinhoso. Toda a casa está aquecida. Respira-se amor em todas as pessoas e em todas as coisas. Os quartos com camas bem acomodadas e atracções em cima das colchas. Paredes enfeitadas com

motivos alegres. A cozinha a funcionar com asseio; a copa em ordem; quartos de banho e banheiros limpinhos; a sala onde passam o dia no seu carro, na cadeira, no berço, ou no chão onde se encontram ninhos com colchões, rodeados com grade de defesa, nos quais podem deitar-se e descansar, bem zelados. Em frente de cada sala, um patamar soalheiro que ocupam nas horas propícias. Nas salas há televisões ligadas.

Éra hora da papa. Com que ternura os acompanhantes levam a colher à boca dos doentes! Nada de presas. Tempos de espera para eles aceitarem. Babetes bem postos. Tudo delicado!...

Na sala de trabalho estão ocupados os que ainda podem e querem. Algumas a bordar. Um a tecer no tear. Outros, noutros trabalhos, com alegria — felizes.

São doentes profundos. Doenças físicas e mentais. Obviamente tratados como irmãos. Um mundo novo. É obra das Misericórdias.

Informam que há muitas centenas de pedidos. Há tantos doentes abandonados por este Portugal... e até nos hospitais!

Regressámos mais conscientes.

Padre Horácio

## POUCO A POUCO

### O nosso «Ecurinho»

O dia-a-dia oferece e reserva-nos dádivas e experiências diversificadas. Algumas felizes, outras nem tanto. Desde as gracinhas das crianças que pouco a pouco aprendem a sorrir, ao rosto tristonho do velho, enfasiado do sabor monótono do viver que faz com que a pouco e pouco ele vá perdendo a última réstea de luz que indicava um horizonte de esperança, pois o sonho de dias melhores é cada vez menos real. É a realidade nua e crua que a fita do viver desenrola diante de nós. Há quem tenha coragem e faça vista grossa; ou, pior ainda, feche os olhos para não ver o mal, infelizmente!

O nosso «Ecurinho» está internado no Hospital. Precisa duma intervenção cirúrgica. Lá há cama, pessoal médico e nada mais. Temos de arranjar tudo: do combustível para a iluminação do hospital (enquanto decorrer a operação), ao material de sutura, soros, etc. Tínhamos pouquinhos coisas. A Irmã Maria arranjou o resto. Esta Irmã e outras que nos marcam as consultas, internam e acompanham os nossos rapazes no hospital. Acompanhou-nos também, a mim e a Padre Telmo, à reanimação, para vermos onde ficava o nosso pequeno. Essa deveria ser uma secção mais cuidada, pensei eu, mas chovia! Os doentes em estado delicado acomodam-se no cantinho seco e assistem ao gotejar, por vezes torrencial, dentro da sala.

Sorte igual ou pior conhecem os edifícios que, tendo sobrevivido dos confrontos armados (terminados há mais de um ano nas cidades), ainda continuam a ser pilhados e destruídos. Paredes que escaparam dos obuses, não escapam da marreta dos vendedores de tijolos, ferros, nem chapa alguma resta sobre o tecto. O discurso comum e actual é reconstruir, reerguer a partir das ruínas e escombros deixados pela guerra, mas a prática real parece que é a de reduzir tudo a ruínas e escombros. Neste e noutros pontos do meu País é preciso que haja uma voz autorizada para pôr fim a isto.

### Balanço da guerra

A guerra é, de facto, um mal sem precedentes.

Primeiro, porque matou, destruiu e empobreceu o País. Agora temos o balanço qualitativo das nossas vitórias de morte: milhares de crianças abandonadas, orfandade, multidões de jovens inválidos, luto, etc...

Segundo, porque ensinou a arte de saber estar sem fazer nada, e porque as necessidades vitais não conhecem ócio, então gerou uma onda de delinquência. Aliás, isto é lógico. Alguém que não trabalha mas come, ou rouba ou então é parasita. Um povo trabalhador numa terra grande e fértil não merece isso. Mas, infelizmente...!

Terceiro, porque justifica tudo: a ganância, o desleixo, a desonestidade,

indiferenças para com a coisa pública, etc.

Estamos particularmente preocupados por causa das camadas mais jovens que não conhecem outro modo de vida, para que não façam disso padrão e modelo para o futuro. Tenho medo porque, a pouco e pouco, o povo pode perder a capacidade crítica e não se empenhar mais para transformar a situação. Mas que seja transformado, assumido por ela e ele se acomode. Se calhar o povo espera o cumprimento das promessas daquele messianismo que vislumbra um paraíso terrestre de felicidade igualitária e superabundante, auto-suficiente, sem necessidade de Deus nem de Vida Eterna, sem Religião nem Igreja, cheia do materialismo científico, plena de tudo menos do Homem. O tempo passou e o povo com certeza rezou muitas vezes estes versículos: «*Esperávamos a paz e nada vemos de bem, uma era de restauração e surgiu a angústia*» (Jer. 14-19).

### Sinais de esperança

Domingo passado falando aos mais crescidos, dizia: — *Podeis saber bons ofícios, aprender muitas letras, mas se não tiverdes aprendido a arte da responsabilidade, toda a vossa perícia cairá por água abaixo.*

Oxalá estejam atentos ao mal que os espreita e não se deixem apanhar por ele, num meio onde é muito gritante.

Sinais de esperança. Apesar de tudo há

sempre sinais de esperança; um resto de que algo se salve; a presença da Igreja nos serviços de saúde, escola e assistência social geral. É um alívio e consolação para o povo e é também exemplo de trabalho e serviço honesto, dignidade no atendimento e tratamento da pessoa humana. Volto a falar das Irmãs que trabalham nos hospitais. São poucas, mas fermento que dá sabor ao viver e outra imagem à realidade.

D. Eugénio, nas suas homilias, não deixa de lembrar os três desafios que a sociedade angolana impõe à Igreja: a Saúde, a Educação e a Assistência Social.

Padre Júlio, enquanto cá esteve, constatou e expressou repetidas vezes a sua convicção mais ou menos nestes termos: «*Não tenho dúvidas de que a Igreja é a única que faz algo por este povo*». Sim, de facto, algo gratuito e desinteressadamente é só ela.

Estamos a viver uma hora grave de trabalho para que o sorriso não desapareça definitivamente no rosto dos adultos; para que as crianças não nasçam a mentir por causa da mendicidade («*meu pai morreu, minha mãe morreu...*»), o que nem sempre corresponde à verdade; para que no sorriso delas volte a transparecer inocência; se não nos podemos transformar em «*mestre do poder político, em sua escrava também é que não, mas sim em consciência da sociedade*» para não nos situarmos no mesmo recinto de jogo da cumplicidade.

Padre Manuel Kalemba